

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

LUTAS FEMINIAS EM PAUTA: ANÁLISE DO JORNAL O SEXO

FEMININO NO ANO DE 1889

Sônia Maria dos Santos Carvalho; soniamaria@cceca.uespi.br¹

Nariani de Sousa Lopes Rodrigues; narianirodrigues@aluno.uespi.br²

RESUMO

O presente trabalho faz o mapeamento das pautas ligada às temáticas femininas no conteúdo jornalístico divulgado por meio do semanário *O Sexo Feminino*, no ano de 1889. A metodologia foi realizada utilizando a análise de conteúdo de Bardin(1988) com os objetivos de perceber e refletir como o impresso pautou e debateu nas publicações as suas lutas femininas, tendo como pano de fundo o contexto social e histórico do fim do século XIX no Brasil. Nesse sentido, constatou-se avanços no debate feminino da época, bem como dificuldades na atuação do impresso escrito por e para mulheres, o que resultou em estratégias discursivas e de conteúdo que são apresentadas neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Jornalismo Impresso; Imprensa Feminista.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se ao estudo das publicações do semanário *O Sexo Feminino* no ano de 1889. A pesquisa partiu do desejo de contribuir com reflexões na interface da história e do jornalismo, pondo em foco parte das edições publicadas em torno de pautas femininas na imprensa brasileira do século XIX.

O Sexo Feminino, autointitulado *semanário noticioso, literário e recreativo* foi fundado em 1873 na cidade de Campanha, em Minas Gerais. Conforme os perfis editoriais da época, com linguagem passional aliada à defesa acalorada e explícita dos princípios dos publicadores, o jornal voltou seus textos ao universo feminino quando identificou problemas e pontuou críticas tratando da mulher e suas condições de vida no final do século XIX.

Os conteúdos publicados nestes limites temáticos estiveram, portanto, como parte de um cenário de mudanças políticas e efervescência social, cujo ponto agudo

¹ Orientadora do trabalho, professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí – UESPI Campus Poeta Torquato Neto, Mestre em História do Brasil (UFPI), membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais (UESPI) e do Grupo de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde – SANA Piauí (UESPI).

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí(UESPI).



REALIZAÇÃO



APOIO



foi a proclamação da República em 1889. Estes fatores despertaram o interesse das pesquisadoras. Estudando-os seria possível conhecer camadas mais profundas de significado da história das brasileiras, na perspectiva de que os impressos são uma forma de conhecimento dos conflitos, dos modos de viver, das interdições e permissões sociais, além do pensamento e expressão de um tempo e lugar.

A fundadora do jornal foi a professora e jornalista Francisca Senhorinha da Motta Diniz, cuja grafia no impresso era acompanhada de pronome específico, portanto, sendo apresentada como *D. Francisca*. Nascida em Minas Gerais, passou a morar na cidade do Rio de Janeiro por volta do fim do século XIX e foi na capital imperial onde o semanário passou a ser publicado.³

No recorte realizado para este estudo foi identificada uma mudança de nome do semanário, que passou a se chamar *O Quinze de Novembro do O Sexo Feminino* no ano de 1889, como homenagem ao regime de governo em ascensão. Além de D. Francisca, o semanário foi escrito com o apoio de dezesseis colaboradoras, entre elas as suas três filhas. A partir de Duarte (2017, p.190) considera-se a possibilidade de terem sido mais mulheres e/ou a ainda existência de pseudônimos ante o jogo de expectativas sociais e enquadramentos vividos à época. O formato apresentava seções intituladas *A Real Emancipação Feminina*, *Literatura*, *Poemas* e *Variedades*, em que pese algumas edições possuírem apenas duas seções, dispostas em média quatro folhas diagramadas em duas ou três colunas.

O Sexo Feminino, ainda conforme Duarte (2017, p.19), pode ser considerado um jornal longevo, pois circulou por aproximadamente 17 anos produzido inicialmente na imprensa mineira e depois na carioca com uma média de 4.000 exemplares por mês vendidos.

O contexto histórico em que o semanário estava inserido é caracterizado pela mudança de regime político em 1889. No entanto, importa ressaltar que a Proclamada República deu-se no esteio de outras transformações, como o processo de abolição da escravatura em 1888, a política de incentivo à vinda de mão de obra

³ O Sexo Feminino, 1889-nº10, 08 de outubro de 1889, p. 4



REALIZAÇÃO



APOIO



imigrante e ao desenvolvimento urbano do Brasil oitocentista, segundo estudos dos autores Borelli e Matos (2018, p. 127) e Costa (2007, p. 252 e 258).

Pela singularidade deste contexto vivido no Brasil, a pesquisa delimitou seu objeto na análise dos semanários publicados entre o dia 06 de julho até 31 de dezembro de 1889, o que resultou em 07 semanários analisados, respectivamente publicados em: 06 de julho, 18 de julho, 31 de julho, 18 de agosto, 14 de setembro, 08 de outubro e dia 15 de dezembro de 1889. Todas as edições foram obtidas mediante acesso ao acervo virtual da Biblioteca Nacional na Hemeroteca Digital em endereço eletrônico⁴. A pesquisa constituiu-se ainda no âmbito do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação Científica na modalidade Pibic-Voluntário na Universidade Estadual do Piauí - UESPI, entre 2020-2021.

O estudo perseguiu respostas à indagação sobre como o semanário pautou e debateu em seus espaços as lutas femininas no ano de 1889, compreendendo a necessidade de investigar o que se configurava como emancipação feminina no impresso, a fim de se problematizar o discurso *de e sobre* mulheres oitocentistas e suas estratégias de atuação no campo jornalístico.

O relatório final desta pesquisa foi dividido em quatro tópicos incluindo, materiais e procedimentos metodológicos, além dos dados encontrados e conclusões. Para a produção do trabalho foi utilizada a *análise de conteúdo* de Bardin (1988, p.95) cumprindo as etapas de *pré-análise, exploração do material e conclusões* feitas sobre o semanário *O Sexo Feminino*, identificando suas respectivas pautas a fim de identificar o núcleo de sentido sobre as causas femininas postas nos textos. Os tópicos referentes aos dados e conclusões estão divididos em dois momentos. Na *pré-análise* apresentou-se o impresso, analisou-se quais são as seções, bem como o conteúdo ao noticiar, entreter e fornecer literatura para o público feminino. Neste momento foi feito o mapeamento e a devida problematização das pautas empreendidas pelo impresso, sendo localizadas: igualdade de direitos, liberdade de ação, autonomia doméstica e educação para meninas. Por estas pautas tentou-se compreender o ideal de mulher identificado nos escritos.

⁴ Disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> > Acesso em: 06 mar. 2022.



REALIZAÇÃO



APOIO



No segundo momento foram abordados problemas identificados na atuação do semanário em um contexto oitocentista, o que levou a perceber estratégias para manter vivo o debate da emancipação feminina, embates com outros periódicos da imprensa brasileira e o contato com o debate político e social na época. Assim foi possível perceber que o semanário ousou debater a emancipação feminina encoberta pelo véu dos moldes e estruturas patriarcais que imperavam na sociedade oitocentista. Seu avanço ficou por conta das pautas que identificaram problemas sobre a falta de igualdade de direitos e liberdade de ação, com críticas ao ensino e alertas sobre a condição da mulher oitocentista, incentivando as mulheres para a formação profissional. Apesar das dificuldades de atuação, o impresso buscou estratégias e formas de validação social para atingir um de seus principais fins: a emancipação feminina.

2. BREVE CARACTERIZAÇÃO DO SEXO FEMININO

Conforme apresentado no item 1 deste artigo, as edições do *O Sexo Feminino* do ano de 1889 foram divididas em seções, como *Variedades*, *Poemas*, *Literatura* e *A Racional Emancipação da Mulher*. O aspecto literário, presente em toda a amostra, figurou nas seções de *Literatura* e *Poemas*. Nelas foram abordadas uma romântica exaltação de condutas femininas, como por exemplo, a história *A Diva Isabella*, cujos capítulos foram publicados em todas as edições delimitadas pelo estudo. A narrativa se passava na Rússia onde a jovem Isabella tinha o sonho de cantar em uma ópera. Para realizar este desejo, conta com a ajuda de seus pais, Martha e Angelo Visconde. O forasteiro Genike também ajuda a jovem e promete levar a protagonista para cantar em um dos melhores teatros da capital da Rússia, indicada pela grafia de *S. Petersburgo*. A história é escrita por uma das colaboradoras do semanário, D. Elisa Diniz Machado Coelho. A folhetinista, segundo Souto (2013, p.29), é uma das filhas de D. Francisca Senhorinha que também optou pelo magistério, como a mãe. É constatado no romance o intuito de influenciar a moral do leitor, situação que se repete também na seção de poemas.

Além de Elisa Diniz, outras duas filhas de Francisca Senhorinha contribuíram para a construção do semanário. Souto (2013, p.23) explica que Amélia Diniz foi



REALIZAÇÃO



APOIO



responsável pelas traduções de artigos em língua francesa e era professora de piano. Já Albertina Diniz era uma educadora e tradutora, contribuindo com a tradução de alguns versos em francês para *O Sexo Feminino*. De acordo com Schumacher e Brazil (2000, p. 28) Albertina foi co-autora do romance *A Judia Rachel* com a mãe, Francisca Senhorinha.

A intenção de ser um periódico recreativo se concretizou ao abordar, geralmente nas últimas páginas, atividades voltadas para o entretenimento do público. Na seção *Variedades* tem-se o pensamento da mulher relacionados a felicidade⁵ e condutas que mulheres deveriam adquirir no lar, tais como conhecimentos de ordem e economia doméstica⁶ e conselhos sobre a importância da educação⁷. Também recreios com decifração de charadas e a valorização dos ideais de beleza feminina nas descrições da fisionomia de sobrancelha, nariz e boca associadas ao bom caráter feminino. Por exemplo, “labios delgados, sempre cerrados indicam sangue-frio, espírito ordeiro, mas também disposições para a avareza”⁸. Este último tópico em especial reforça não somente a importância que a beleza deveria ter na vida da mulher, mas pode evidenciar os modelos de imagem feminina que, de acordo com Pinsky (2018, p. 541) são controlados por diferentes sujeitos históricos, como é o caso dos jornais que divulgam os padrões de beleza que sofrem mudanças ao longo do tempo e tem como finalidade o poder de dominar os corpos femininos. Ficou entendido, portanto, que o caráter lúdico referenciado no impresso objetivou valorizar temas remetentes a um modelo feminino, temas estes entendidos como importantes para seu público alvo: a mulher.

Na seção *A Racional Emancipação da Mulher* são debatidos temas aparentemente revolucionários para a sociedade da época, com destaque para as opiniões manifestadas sobre as causas das mulheres oitocentistas. Conforme é possível depreender das edições analisadas, a proprietária e suas colaboradoras reivindicaram uma luta por emancipação feminina. Para enveredar por esta luta, publicizaram pautas referentes a igualdade de direitos, liberdade de ação, autonomia

⁵O Sexo Feminino, 1889-nº05, 06 de julho de 1889. p.4

⁶O Sexo Feminino, 1889-nº06, 18 de julho de 1889. p. 3

⁷O Sexo Feminino, 1889-nº06, 18 de julho de 1889. p.3

⁸O Sexo Feminino, 1889-nº05, 06 de julho de 1889. p. 3



REALIZAÇÃO



APOIO



do lar doméstico e educação para meninas, que serão abordadas adiante. Estas pautas se tornam emblemáticas ao indicar quais são as reivindicações dessas mulheres que ousaram atuar no meio impresso no final do século XIX.

Ao elencar a pauta por igualdade de direitos, o impresso identificou que as mulheres se tornaram entes passivos, dependentes das ordens e leis escritas por homens em favor dos mesmos. Um desses descontentamentos foi evidenciado no tema do casamento, que traria situação de tirania para as relações entre os sexos, sendo a mulher a vítima.

Em nenhuma outra desgraça aparece tão grande sentimento como o da falta de mulher: é por isso que dizemos que quasi sempre a desigualdade de direitos tem criado dous escravos, um que prende a cadeia, outro que é preso. O homem que torna-se tyranno de sua mulher ou seu déspota senhor, torna-se muitas vezes seu escravo, pois ella vingá-se muitas vezes lançando o seu nome na praça publica das malignas opiniões. A violação do contrato conjugal tem por causa a desigualdade de ação e impunidade de um dos criminosos. O marido e a mulher estão pelo contrato conjugal obrigados aos mesmos deveres e sujeitos as mesmas penas. (*O Sexo Feminino*, nº08, 18 de agosto de 1889, p.2).

A situação criticada pelo impresso indica que as represálias contra o adultério recaem nas mulheres e que se faz necessário a luta por igualdade de direitos entre os sexos. Referente às leis neste período é identificado que as mulheres não são sequer citadas na legislatura brasileira. A Constituição do ano de 1824, vigente no período analisado, fez menção apenas àqueles cidadãos brasileiros que possuíam propriedades. Ou seja, nesta constituição brasileira “a mulher juntamente com os escravos e os homens livres e pobres estava excluída de praticamente todos os atos da vida civil, como votar, exercer cargo público, entre outras restrições”, conforme Cortês (2019, p. 261). A autora ainda fala que a maioria das legislações, principalmente a brasileira e no que se refere a família, sempre atribuiu menores direitos para as mulheres. O que configura, portanto, uma crítica elucidada pelo *O Sexo Feminino*, que também problematiza a construção das leis escritas por homens que detém o poder. Nesse sentido, o semanário argumenta que as mulheres devem cobrar o que lhes cabe por seus direitos, já que estão igualmente submetidas às penas criadas por homens.

a mulher ainda é um ente tão dependente da vontade de outro ente, igual a ella, que, mesmo nas cousas mais triviais da vida do lar domestico precisa



REALIZAÇÃO



APOIO



ordem do marido, ou do pai, do irmão, etc., para deliberar. Ora, si nós, as mulheres, tanto como os homens, estamos obrigadas a receber as penas impostas nos códigos e legislações originadas por eles, homens. Temos de direito natural o direito de exigir os benefícios d'aquelles, de quem recebemos as penas. (O Sexo Feminino, nº09, 14 de setembro de 1889, p. 1).

Este trecho também evidencia outra pauta analisada, a liberdade de ação colocada nos escritos do semanário, pois, as mulheres seriam dependentes das ordens de uma figura masculina na família. O exemplo questionado pelo impresso é que até mesmo no lar estas mulheres não teriam liberdade para tomar decisões. Habner (2018, p.44) percebe que as restrições impostas à figura feminina são retrato das configurações sociais “onde o patriarca da família, no caso o pai ou o marido, é a autoridade e praticava a dominação em seus filhos e esposa.”

Nesta citação são questionadas as decisões no ambiente doméstico que devem ser função da mulher e, portanto, passam a ser prerrogativa de autoridade feminina decidir questões voltadas para o espaço privado do lar. No entanto, até mesmo nestas atividades as mulheres seriam dependentes da autoridade masculina. Para o impresso, deve-se dar o devido destaque na questão da autonomia feminina no ambiente doméstico, pois segundo esta perspectiva, as atividades do lar seriam tidas como obrigação feminina ou uma condição feminina, exclusivamente.

Esta pauta em especial demonstra o entendimento de que uma autonomia do exercício feminino no ambiente doméstico não obriga que estas mesmas atividades do ambiente privado sejam exercidas por homens e mulheres. A predominância de uma sociedade patriarcal, que faz uma distinção de papéis sociais entre os sexos, ajuda a explicar o conteúdo construído. Os autores Strucker e Maçalai (2016, p. 2 e 6) falam que esta distinção impactou na atuação de mulheres e homens entre o mundo privado e o mundo público, sendo o primeiro deles, como é o caso do espaço doméstico, ainda um espaço preferencialmente destinado às mulheres.

Constatou-se portanto, que *O Sexo Feminino* foi inovador ao debater a desigualdade, liberdade de ação e autonomia doméstica no ambiente privado e que, apesar das contradições frutos de um contexto social que tendia a limitar a atuação feminina nos espaços, o impresso conseguiu pautar as questões femininas de modo a identificar problemas e buscar soluções que beneficiassem a condição da mulher na época.



REALIZAÇÃO



APOIO



Outra pauta que deve ser levada em consideração, presente em quase todas as edições analisadas, foi a defesa de uma educação para as mulheres, compreensível ante o fato da redatora e proprietária do impresso, Francisca Senhorinha, ser professora e fundadora da escola Santa Isabel. De acordo com Duarte (2003, p.156) ela alertou em seus escritos sobre a instrução ser o único meio possível para combater a ignorância feminina e isso acabou, por sua vez, influenciando a pauta educacional do impresso. Para o semanário, a educação tinha o papel fundamental no desenvolvimento da humanidade, especificamente o melhoramento da mulher, pois foi dado a ela “a missão magéstica de ser a mãe do gênero humano”⁹. Instruir meninas desde nova era, portanto, considerado algo indispensável. O semanário evidenciou críticas às escolas da época ao identificar lacunas na educação para meninas.

Não se conseguirá os fins, sem se aplicar os meios. Até hoje não existe nesta grandiosa cidade do Rio de Janeiro, digamos, não existem estabelecimentos onde sejam recebidas as nossas meninas pobres para n'elles serem educadas na tríplice educação. (O Sexo Feminino, n°09, 14 de setembro de 1889, p.1-2).

No conteúdo há o intuito do semanário, com o apoio das colaboradoras da causa feminina, da criação da *Escola Doméstica*, que serviria como um aprimoramento da educação feminina e seria voltada para o público de meninas pobres. Na edição seguinte, de n°13, já é divulgada a criação desta escola, onde a redatora agradeceu o apoio das colaboradoras e reforçou o convite para o desenvolvimento do projeto. A *Escola Domestica* teria como objetivo, como dizia o próprio nome, ensinar todas as tarefas referentes ao ambiente doméstico, além de fornecer instrução primária e o aperfeiçoamento do ensino que poderia servir de profissão para as meninas na época. Esta seria, portanto, a tríplice educação recomendada pelo semanário para o ensino de meninas oitocentistas.

Fazendo este apelo cumpre-nos o dever de agradecer áquellas Exmas. Senhoras que já nos atenderão neste pedido e que esperamos continuarão a fazer-o. As meninas recolhidas à Escola Domestica, além da instrução elementar; ensino domestico geral, terão o aperfeiçoamento de um ramo de ensino para que mostrem vocação e que lhes servirá de profissão. (O Quinze de Dezembro do Sexo Feminino, n°12, 15 de dezembro de 1889, p. 3).

⁹ O sexo feminino, 1889-n°05, 6 de julho de 1889.p. 1.



REALIZAÇÃO



APOIO



O semanário acrescenta que a missão da *Escola Domestica* seria tornar as mulheres melhores mães, esposas e sujeitos sociais dignos. Vale dizer que as propostas educativas para as meninas tinham influência em modelos europeus. Como exemplo, explicou-se que mulheres da Europa se organizavam em associações para a construção de um estabelecimento que atendesse meninas pobres a fim de fornecer a devida educação ao sexo feminino¹⁰. Pode-se entender, a partir das informações citadas, que a ideia de uma educação para meninas parte de dois pontos: o primeiro é referente a uma educação voltada para o ambiente privado, para o saber cuidar do lar nos conhecimentos sobre economia doméstica e no domínio da educação dos filhos, baseados em um ideal difundido sobre ser mulher-mãe (Scott, 2018, p. 17). Em um dos trechos do semanário ficou evidente esse estímulo aos ideais de mulher a ser seguido

[...]a mãe sabe ser terna, sabe ser paciente para corrigir os filhos, zelosa para promover a sua felicidade...É claro que a mãe está assigualmente a missão de fazer-os perfectíveis: seu papel é um dos mais importantes e de primeira ordem na escala social de perfectibilidade humana. (O Sexo Feminino, nº10, 08 de outubro de 1889, p. 2).

Os ideais preconizados sobre o que deveria ser mulher foram ancorados, portanto, em uma ordem patriarcal que, segundo a autora Scott (2018, p. 17), conseguia manter a mesma hierarquia de papéis femininos subalternos e dependentes dos papéis masculinos. A ideia de mulheres educadas para serem emancipadas eram, portanto, fruto dos modos patriarcais burgueses do Brasil oitocentista. Ao propor uma educação para meninas pobres e de cor, fica identificado que se entendia das diferentes realidades das mulheres no Brasil, no entanto, não entrava no debate público as diferentes configurações sobre ser uma mulher de classe baixa e com diferenças étnico raciais. Constata-se que o semanário estimulava novos parâmetros desejados, mas que conforme Scott (2018, p. 17) nem todos quiseram ou puderam adaptar-se aos novos modelos sociais femininos, pois partia-se de um ponto de vista em que a sociedade brasileira do século XIX era marcada pela diversidade, profundamente desigual e hierarquizada. O momento era de reconhecer que se

¹⁰ O Sexo Feminino, 1889-nº05, 06 de julho de 1889.p.2



REALIZAÇÃO



APOIO



deveria ir além enquanto mulher, protagonizando no mundo que o contexto a ela remetia.

O segundo ponto referente à educação instruiu que os conhecimentos adquiridos poderiam qualificá-la para uma profissão, o que representou um avanço no debate sobre a atuação feminina nos diversos âmbitos da sociedade. O conhecimento não se limitaria apenas para o aperfeiçoamento do lar, mas para a oportunidade de mulheres ocuparem espaços públicos ao estimular a formação das mesmas. De acordo com Pinsky (2018, p. 514), a escolaridade feminina era o primeiro passo para a independência financeira e a formação profissional da mulher, uma das formas de conceder igualdade entre mulheres e homens.

A utilização do meio impresso para a divulgação das pautas femininas era significativa para a época, pois, concordando com Barbosa (2013, p. 80), o impresso permitia “alcançar visibilidade, reconhecimento e distinção”. No entanto, é necessário destacar as dificuldades em atuar no meio impresso no ano de 1889. Uma das primeiras dificuldades abordadas por Molina (2015, p.431) era a gráfica. O número de gráficas era insuficiente frente à demanda, o maquinário disponível e a falta de papel para produzir as tiragens do jornal significavam desafios. Outro empecilho encontrado era que a maioria da população brasileira não sabia ler. Um dos primeiros censos no Brasil datado de 1872 aponta que 82,3% da população era analfabeta. Somando-se isso à desigual distribuição de renda, configura-se um cenário que dificultava a compra do jornal ao tempo em que se remetia às estratégias para a manutenção das suas tiragens, conforme apontam os estudos de Molina (2015, p. 345-348) e Ferreira e Carvalho (2018, p.6).

Conclui-se, portanto, que o semanário provavelmente passava por essas dificuldades, pois é identificada em seus exemplares a constante mudança do local de tipografia do impresso, o que leva a acreditar que existiam dificuldades de impressão. Inicialmente é informado ao final da folha que a tipografia era feita pela em “Typ. E hth. De Machado & C., r. de Gongalves Dias 28.”, e logo o semanário passou a ser impresso em outros dois locais de prensa, respectivamente, “Typ.-Economica-Rua de Gonçalves Dias n. 28” e “Typ. Montenegro, r. Nova de Ouvidor n. 36”.



REALIZAÇÃO



APOIO



Também foi observada a mudança de periodicidade, que inicialmente era feita semanalmente, porém, no último semanário analisado informa que as publicações passariam a ser quinzenais. Já com relação ao consumo do semanário, percebeu-se, com base em estatísticas, apontadas nos estudos de Duarte (2017, p. 24), que apenas 11% das mulheres que viviam no Brasil em 1872 sabiam ler. Ou seja, apenas uma parcela do total de mulheres que habitavam o Brasil tinham acesso à leitura do impresso. É de se destacar, de acordo com Barbosa (2013, p.11), que era comum no Brasil do século XIX a cultura oralizada de se transmitir as informações e ideias, nesse sentido, a causa feminina pode ter sido mais difundida do que se supunha.

Poder comprar o impresso seria também outra dificuldade. Os valores da assinatura eram dispostos no título dos periódicos. Percebe-se que existia uma variação de preço para a compra na corte e na província. Na corte era cobrada a assinatura por 10.000 réis ao ano, 3.000 réis por semestre e 2.000 por trimestre. Já para a assinatura nas províncias o custo anual era de 12.000 réis, por semestre 6.000 e 3.000 réis por trimestre. Este aumento no preço da assinatura pode ser entendido pela necessidade da utilização dos serviços dos correios brasileiros. Molina (2015, p.382) defende que a cobrança da tarifa postal representava um enorme peso para a difusão do impresso, além da morosidade em que eram entregues os jornais para os assinantes das demais províncias.

Em conclusão, identificando a cultura oralizada da sociedade brasileira propícia para a difusão oral da causa feminina, é possível argumentar que, dadas as dificuldades de se atuar no meio impresso da época, o semanário conseguiu dialogar de alguma forma com parcela da sociedade letrada que consumia o impresso. Eram de média e alta estratificação social as suas leitoras, pois possuíam condições para comprar o impresso ao tempo em que moravam em regiões com maior desenvolvimento urbano, propício para a assinatura do impresso.

É necessário pontuar que, apesar das dificuldades elencadas, fora criada neste período uma notoriedade para a produção da palavra impressa. Isto pode explicar a persistência da atuação do *O Sexo Feminino* na imprensa brasileira oitocentista. Foram aproximadamente 17 anos, segundo Duarte (2017, p.19), atuando no país em defesa da visibilidade da causa feminina. Vale dizer que a análise do semanário



REALIZAÇÃO



APOIO



permitiu identificar que a atuação do mesmo se deu pela utilização de estratégias ao debater a causa feminina. Os impressos da época, como mostra Barbosa (2013, p. 80) serviam como um espaço de divulgação de ideias: eram tidos como um meio poderoso de transmissão de mensagens e se constituíam um lugar de privilégio, mas, sobretudo, possibilitavam participar do debate público construindo as ideias que definiam o rumos que o país deveria seguir. Assim sendo, é possível identificar que a opinião do impresso esteve atrelada principalmente às interpretações ideológicas da proprietária e de suas colaboradoras sobre a emancipação feminina. Porém, é preciso destacar as reações, favoráveis ou não, que a sociedade teve para com o jornal, em especial para as assinantes, pois existia uma preocupação com a repercussão que pautas emancipatórias poderiam provocar, sendo deturpadas ou mal vistas pela sociedade, o que levaria à descrença de suas ideias e supostas represálias.

Basta enunciar esta idéia-Emancipação da mulher, para sentirmos com evidencia o movimento de descrença que ela produz em geral nos ânimos. Pedimos pois aos nossos amáveis leitores e leitoras que de nenhum modo dêem credito as palavras de sarcasmo e interpretações erradas, sempre perigosas em matérias taes: tiramos uma vez por todas o sentido que damos a palavra idéa-Emancipação da mulher. Não é nossa intenção concitar nossas conterrâneas á anarchia, não. (*O Sexo Feminino*, nº 07, 31 de Julho de 1889, p.02).

Ao debater a emancipação das mulheres para sua época, demonstrava atenção e consciência de que haveria diversas interpretações, pois pré-existiu um cuidado por parte da redatora e de suas colaboradoras para que não se induzisse atitudes que fugissem ao que era socialmente aceito na época. A importância do retorno do público e a produção de conteúdo que antecipava a defesa da pauta emancipatória foi entendida nesta pesquisa como uma estratégia de penetração das ideias de emancipação feminina na sociedade oitocentista defendida pelo jornal.

Outra avaliação pertinente à atuação do impresso foi o bom relacionamento que se adquiriu com outros jornais da época. A autora Souto (2013, p.74) confirma que havia uma troca de material impresso entre os proprietários dos jornais na época e *O Sexo Feminino* mantinha essa relação de troca com diversos tipos de periódicos, como “liberais, conservadores, republicanos, maçônicos, monarquistas, evangélicos, ultramontanos, entre outros”. A estratégia de partilha do material produzido pode ser entendida enquanto forma de divulgação do *O Sexo Feminino* entre os demais jornais



REALIZAÇÃO



APOIO



da época, que contribuía para expandir os novos públicos e conseqüentemente novos apoiadores da causa feminina. Exemplo que pode comprovar o bom diálogo que *O Sexo Feminino* tinha com outros impressos foi que na maioria das publicações analisadas, salvo o impresso do dia 06, 18 e 31 de julho de 1889, são encontrados agradecimentos pela divulgação e pelo recebimento de jornais.

Temos recebido com regularidade os periódicos seguintes:- A Voz do Povo, A Lua, Correio Portuguez, Revista Sul-Americana, Correio da Europa, A Alavanca, Echo Maragogipano, e o Conservador, on. 1º anno 1º do Professor e o Conservador, de cujo n. 164 transcrevemos com prazer e gratidão as delicadas phrases com que exprime seu juízo sobre nosso semanario, e nos anima a prosseguir na cruzada empreendida. (*O Sexo feminino*, nº10, 08 de outubro de 1889, p. 4)

Outra estratégia utilizada como forma de debater a luta pela causa feminina foi a utilização de dois meios possíveis, notadamente meio jornalístico da época e o meio educacional representado pelas escolas, para que se atingisse os fins emancipatórios. Neste trecho do semanário é possível perceber a importância do meio jornalístico enquanto propagador da causa em conjunto com as escolas de educação que serviriam de formadores da nação. Para o periódico a junção de ambos os meios resumem o que era entendido como progresso.

Quando chamamos as nossas conterrâneas para cooperarem conosco na santa cruzada da nossa instrução, é por termos plena certeza de que, sem que façamos propaganda da instrução do nosso sexo, proporcionamos a ele, nas casa de educação, os meios de atingir o nosso fim. A civilização da humanidade depende de nossos esforços em bem da educação da mocidade. Os jornaes e os professores em suas cadeiras de ensino serão os obreiros do progresso.” (*O Sexo Feminino*, nº08, 18 de agosto de 1889, p. 1)

Conforme este trecho o semanário se inseriu, segundo Duarte (2003, p.156), na segunda onda do feminismo no Brasil. Este feminismo foi marcado por aspectos nitidamente feministas ao debater e propor soluções mais incisivas do aspecto da emancipação do sexo feminino. A autora considera que estes jornais, entre os quais se destaca *O Sexo Feminino*, se caracterizam por uma escrita mais jornalística. Fatores históricos também contribuíram para a influência no debate sobre o semanário no século XIX. O Brasil passou por mudanças de cunho social, como o já citado processo de abolição da escravidão e o incentivo à introdução da mão de obra imigrante, concordante com a autora Habner (2018, p. 62) os processos resultaram em



REALIZAÇÃO



APOIO



transformações sociais significativas com a entrada de novas formas do pensamento social, numa sociedade já complexa.

No aspecto econômico, uma das mudanças agudas foi o processo de industrialização das cidades, em especial a do Rio de Janeiro, que era o então capital do império, grande centro da vida comercial e local e onde o semanário fora produzido e divulgado. Segundo Habner (2019, p. 54), a capital teve papel importante, pois a mesma passava por transformações que influenciaram nos novos hábitos e condutas para as demais cidades.

Quanto ao processo político que marcou a história do Brasil em torno do golpe de estado que se culminou na Proclamação da República em 1889, fora tão significativo ao ponto de provocar a alteração do título do semanário, passando-se a se chamar *O quinze de Novembro do Sexo Feminino*. Diante do exposto, pode-se identificar que a redatora do semanário, Francisca Senhorinha, fora entusiasta dos ideais de progresso e das mudanças que estavam acontecendo no país. Quando foi declarada a proclamação da República no Brasil foram informados os primeiros decretos tomados pelo governo provisório e a perspectiva para uma república brasileira com princípios de liberdade, fraternidade, progresso e civilização da humanidade¹¹. O semanário abordou tanto aspectos favoráveis à monarquia, quanto aspectos também favoráveis à recente república brasileira, o que resultou no oportuno contato que se tinha com diferentes correntes ideológicas. O fato levou as pesquisadoras a identificar que se tratava de mais uma estratégia de atuação na sociedade brasileira e no meio impresso da época.

O semanário, portanto, se configurou em um rico material ao analisar as pautas empreendidas pelo objeto de estudo, bem como identificar como foi debatida a causa feminina através do jornalismo impresso no ano de 1889. De acordo com Michelle Perrot (2019, p.17) não existia um interesse em guardar os registros femininos e isso se deveu ao fato de as mulheres não serem vistas ou atuarem em espaços públicos da época, locais vistos como o centro de interesse social e fonte de relatos considerados dignos de nota. Nesse sentido, o registro emblemático do semanário foi proposto pela pesquisa por representar não somente os pensamentos e

¹¹O quinze de Novembro do Sexo Feminino, 1889-nº12, 15 de dezembro de 1889, p.1



REALIZAÇÃO



APOIO



inquietações de mulheres que explanaram publicamente consciência dos problemas que afetavam a si, mas também registrar uma época na qual ousaram defender a emancipação do sexo feminino encapadas pelo véu dos moldes e estruturas que imperavam na sociedade oitocentista.

2. PERCURSO PARA O ALCANCE DAS FONTES

Conforme já explanado, o semanário *O Sexo Feminino* foi o objeto de estudo da presente pesquisa, que se limitou o estudo do material entre o dia 06 de julho até o dia 31 de dezembro de 1889. Contabilizou-se 07 semanários que foram analisados: dia 06 de julho de 1889, 18 de julho de 1889, 31 de julho de 1889, 18 de agosto de 1889, 14 de setembro de 1889, 08 de outubro de 1889 e 15 de dezembro de 1889. Pensou-se o recorte temporal no fato do semanário estar inserido em um momento de profundas transformações políticas e sociais vividas no Brasil, o que resultou em influências sobre a construção das pautas abordadas. A pesquisa utilizou a técnica de documentação para a coleta dos semanários e no trato das análises de suas respectivas pautas a fim de fornecer uma descrição sobre o conteúdo jornalístico de interesse da mulher. Todos os semanários coletados para estudo estão disponíveis no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital.¹²

A análise das pautas foi realizada com o procedimento da *Análise de conteúdo* de Bardin(1988, p.95), que consistiu na *pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados*. A *pré-análise* consistiu na seleção e organização do material elaborando sistematizações a partir de uma primeira leitura flutuante para a apreensão do conteúdo impresso, com a classificação das leituras iniciais e foi possível identificar o conteúdo jornalístico com maior frequência na divisão das seções no semanário, como: *A racional emancipação Feminina e Literatura*, bem como as colocadas em segundo plano, como as seções de *Variedades e Poemas*. Assim sendo, foram identificadas as pautas sobre igualdade de direitos, liberdade de ação, autonomia do lar e educação, que formam um núcleo de sentido sobre a defesa da causa feminina.

¹² Disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> > Acesso em: 06 mar. 2022.



REALIZAÇÃO



APOIO



A exploração do material, que compreendeu identificar e classificar o objeto de estudo à luz do referencial teórico de Marialva Barbosa (2010, p. 117) sobre a história da imprensa brasileira no século XIX e Constância Lima Duarte (2017, p. 13) nos estudos da imprensa feminina e feminista no Brasil. A seleção teve como objetivo o confronto com o contexto social e político no Brasil oitocentista, em especial como a condição feminina em uma conjuntura social machista e patriarcal, o que contribuiu para a construção das reflexões acerca do conteúdo jornalístico analisado. Assim sendo, explicou-se quais pautas foram abordadas nos escritos do semanário e qual foi o modelo feminino difundido, bem como identificou-se as dificuldades de atuação do impresso a fim de compreender as caracterizações dos debates e estratégias explicitadas nas edições de 1889.

Neste momento da pesquisa foram encontrados dois jornais, respectivamente o 18 de julho de 1889 e 8 de outubro de 1889, que estavam parcialmente danificados. No entanto, não houve prejuízos para a pesquisa, mas permitiu-se identificar a perda dos registros históricos de mulheres fruto de um sistema social e político que pouco preservou a atuação de mulheres no jornalismo brasileiro. Por fim, a interpretação dos resultados obtidos permitiu, por meio da análise das pautas, compreender de que modo o impresso pautou e debateu as lutas femininas de modo a encobrir uma emancipação do sexo feminino fruto de contextos sociais da época.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o semanário foi incisivo e emblemático na luta pela causa feminina. Estes dois aspectos portanto, distinguem a produção do *O Sexo Feminino* escrito *por* e *para* mulheres no século XIX. Ao identificar as pautas sobre igualdade de direitos, liberdade de ação, autonomia do lar doméstico e educação nos escritos das referidas edições delimitadas do impresso, foi encontrada uma produção jornalística de defesa da causa feminina incisiva ao analisar os problemas que limitaram a condição feminina no período oitocentista. Como exemplo, foi mostrada crítica à construção das leis feitas por homens em benefício dos mesmos, problematizou-se a dependência feminina aos seus maridos ou responsáveis do sexo masculino, que limitava a liberdade da tomada de atitudes, alertou-se sobre o problema da falta de autonomia no ambiente doméstico, entendido socialmente



REALIZAÇÃO



APOIO



enquanto função “natural” do sexo feminino e também fez-se críticas ao modelo de educação empregado nas escolas do Rio de Janeiro para a educação feminina. Nesse sentido, pode-se concluir que o semanário conseguiu avançar nos primeiros debates sobre a causa feminina nas referidas pautas, em principal na pauta educacional ao incentivar a formação profissional feminina e ocupar novos espaços de poder.

Constatou-se que o semanário percebia as realidades de mulheres pobres e negras, mas preferia debater a emancipação feminina nos moldes de uma sociedade patriarcal em que legitimou apenas um modelo feminino ideal para a época, como parâmetro a ser seguido. Portanto, a emancipação empreendida pelos escritos do *O Sexo Feminino* foram encapados pelo véu do preconceito social existente no período analisado.

O contexto histórico permitiu analisar sobre a dificuldade em atuar no meio impresso no momento de grandes transformações que marcaram o ano de 1889. O jornalismo de defesa de causa enfrentou limitações de cunho econômico e social, o que pode ter restringido a entrada do tema para as camadas populares, mas os entraves não limitaram a atuação emblemática do impresso. O desenvolvimento urbano propício para a entrada de novas formas de pensar a esfera social na capital do Rio de Janeiro contribuía para a entrada de ideais emancipatórias. Foi, portanto, constatado que o semanário conseguia dialogar com parcela da sociedade letrada de média e alta camada social.

Sua atuação foi de aproximadamente 17 anos, nesse sentido, foram identificadas articulações estratégicas para que se pudesse alcançar os fins emancipatórios da mulher. Assim sendo, alinou-se o impresso enquanto meio propagador da causa feminina. Constatou-se que existiu certa preocupação com a repercussão que suas ideias poderiam induzir a atitudes que fugiriam do que era socialmente aceito para uma mulher oitocentista, uma nítida estratégia para que se pudesse debater a causa feminina na época. Soma-se isso às boas articulações feitas com outros impressos e o bom diálogo com o contexto político em transformação no período.

O semanário fez referências aos dois sistemas de governo que estavam em mudança no Brasil, portanto não tomou um posicionamento político específico, o que



REALIZAÇÃO



APOIO



permitiu concluir esta postura como uma das estratégias favoráveis ao diálogo com os diversos vieses políticos. A proprietária e redatora demonstrou ser uma entusiasta do progresso social, com habilidades de articulação para trabalhar no meio jornalístico e conseguir lutar com as armas que dispunha pela causa feminina. Por fim, constatou-se que o semanário é um rico material que permite entender sobre a história de mulheres, mostrando que são singulares e muitas vezes complexas. Construíram, assim, os rastros femininos deixados por mulheres jornalistas brasileiras com potência de expressão até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

- AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO; Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 65-83.
- BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BORELLI, Andrea; MATOS, Maria Izilda. Espaço feminino no mercado de trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO; Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 126-147.
- CORTÊS, Iáris Ramalho. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO; Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 513-543.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 6. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto; CARVALHO, Carlos Henrique de. **Escolarização e analfabetismo no Brasil: estudos das mensagens dos presidentes dos estados de São**



REALIZAÇÃO



APOIO



Paulo, Paraná, e Rio Grande do Norte (1890-1930). Seminário Internacional, 13, 2016. Disponível em: [https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Ana-Em%C3%ADlia-Cordeiro-Souto-Ferreira -Carlos-Henrique-de-Carvalho.pdf](https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Ana-Em%C3%ADlia-Cordeiro-Souto-Ferreira-Carlos-Henrique-de-Carvalho.pdf). Acesso em: 17 jul. 2021.

HABNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO; Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 43-64.

MOLINA, Matias M. **História dos jornais no Brasil: Da era colonial à regência (1500-1840)**. 1. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2015.

O SEXO FEMININO. n. 05. Rio de Janeiro, 06 jul. 1889. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/706868/per706868_1889_00005.pdf>. Acesso em: 23. mar. 2022.

O SEXO FEMININO. n. 06. Rio de Janeiro, 18 jul. 1889. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/706868/per706868_1889_00006.pdf>. Acesso em: 23. mar. 2022.

O SEXO FEMININO. n. 07. Rio de Janeiro, 31 jul. 1889. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/706868/per706868_1889_00007.pdf>. Acesso em: 23. mar. 2022.

O SEXO FEMININO. n. 08. Rio de Janeiro, 18 ago. 1889. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/706868/per706868_1889_00008.pdf>. Acesso em: 23. mar. 2022.

O SEXO FEMININO. n. 10. Rio de Janeiro, 18 out. 1889. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/706868/per706868_1889_00010.pdf>. Acesso em: 23. mar. 2022.

O QUINZE DE NOVEMBRO DO SEXO FEMININO. n. 12. Rio de Janeiro, 18 out. 1889. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/228559/per228559_1889_00012.pdf>. Acesso em: 23. mar. 2022.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO; Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 513-543.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO; Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 15-42.



REALIZAÇÃO



APOIO



SOUTO, Bárbara Figueiredo. **“Senhoras do seu destino”**; Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Josephina Alvares de Azevedo – projetos de emancipação feminina na imprensa brasileira (1873-1894). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

STRÜCKER, Bianca; MAÇALAI, Gabriel. **“Bela, recatada e do lar”**: os novos desdobramentos da família patriarcal. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/15880/3777>. Acesso em: 17 jul. 2021.